

8

A participação dos universitários na Regional Rio da ENECOS

Se acompanhar o COBRECOS me proporcionou entrar em contato com a organização política da ENECOS em nível nacional, foram as observações da Regional Rio que me possibilitaram um olhar contínuo e intensivo do grupo. Quais seriam as práticas e táticas adotadas pela Regional Rio para o alcance dos objetivos propostos pela ENECOS? Observei que os estudantes voltaram do COBRECOS com folhas e mais folhas que compõem o “caderno de resoluções”, ou seja, com metas, propostas e temas que depois de votadas no COBRECOS deveriam ser priorizados para estudo e tomadas de posição da entidade durante o ano corrente.

Soube que as coordenações das regionais mudam a cada ano, por eleição direta. Têm como função organizar o movimento estudantil nos estados, somando forças com os centros acadêmicos, oferecendo uma agenda de discussão e caminhos formativos. Para a coordenação da regional Rio, Paula, da UERJ, assumiu esse papel em 2005 na gestão “Para botar a boca no mundo”.

No período observado (de novembro de 2004 a julho de 2005) os seguintes estudantes participaram das reuniões promovidas pela Regional Rio: Paula e Elisa, da UERJ; Rafael e Gilka, da UFF; Rafael e Bruno, da Estácio-Bispo; Clarissa e Isabel da PUC-Rio; Vinicius e Cinthia da Pinheiro Guimarães e no último mês, Tatiana da Unicarioca. Posso dizer que Rafael (UFF) e Paula (coordenadora da Regional e estudante da UERJ) foram os mais presentes, os outros estudantes alteraram a frequência e a participação. A Regional Rio não conta com uma “sede”, a cada semana ou quinzena as reuniões tentavam ser promovidas em uma das universidades em que tivessem estudantes envolvidos, como forma de tentar “garantir a discussão em todas as es colas”.

Aliás, esses estudantes falavam apenas em “escolas” e não em “universidades”. Uns diziam que foi porque o movimento começou em São Paulo e lá se fala em “Escola de Comunicação e Artes”, outros diziam que “escola” é mais abrangente, porque nem todas são universidades: há faculdades, institutos e centros integrados. Eles dizem que no início também achavam estranho falar “escolas”, mas já se acostumaram.

Assim, fui sendo apresentada a todo um vocabulário específico: “coletivo”, “companheiro”, “militante”, “pelego” (aquele que fica em cima do muro, não se posiciona), que eram mais relativos às características individuais dos estudantes. Os verbos “pautar”, “estabelecer um piso para falar” (eles têm o costume de cronometrar as falas de cada um, como forma de garantir que todos se manifestem), “estar (ou não) em disputa”, ou seja, estar ou não aberto a mudanças e “deliberar” são usados para as instâncias políticas, assim como a importância de se estabelecer um “movimento de base”. Quando o tema é democratização da comunicação se referiam às grandes redes de comunicação como “mídia grande” em oposição à “mídia alternativa”. Além disso passeavam por uma série de siglas com muita facilidade, muitas vezes não colocando legenda nas falas.

As reuniões da Regional Rio não excluía as reuniões feitas pelos centros acadêmicos de cada universidade. Eram momentos diferentes que podiam ou não compartilhar pautas em comum, mas a intenção seria a de que pudessem ser complementares. Aliás, em relação à participação dos alunos, observei que são duas ordens de coisas: “ser da ENECOS” e ser do “movimento estudantil”, nem sempre aparecem integradas

Fui percebendo que havia uma diferença entre as atividades propostas pela ENECOS e pelos centros acadêmicos de cada universidade. Por exemplo, a gestão observada do centro acadêmico da UFF estava com um movimento estudantil forte. Os alunos fazem o jornal-laboratório "Fazendo Media", que tem sido reconhecido como importante para a Democratização da Comunicação tanto pela Revista Caros Amigos, como pelo site da Multirio, empresa de multimeios da prefeitura; as reuniões eram muito freqüentadas e realizaram eventos com divulgação com ampla antecedência, através de panfletos explicativos sobre suas atividades, preocupações e reuniões.

Entretanto, isso não quer dizer que estivessem comparecendo com assiduidade aos encontros da Regional Rio (ENECOS). Ou seja, as reuniões da Regional apareciam como um compromisso a mais em suas vidas, como desabafa Rafael em uma resposta ao email do Bruno. Transcrevo trechos das mensagens trocadas na lista de discussão para exemplificar como a plataforma virtual vem sendo utilizada pelos estudantes – adiantando que esse tópico da virtualidade será abordado ao final desse capítulo.

Data: Wed, 27 Apr 2005 15:18:56 -0300

Mensagem: 1

De: bruno

Assunto: Re: Reunião quarta/amanhã?!!!

Respondammmmmmmmmmmmm

Desculpem, mas estou desanimado com a ENECOS. Por sinal, lamentável ninguém da Executiva ter participado de nossa contra-homenagem à Rede Globo, ontem, no Sindipetro-RJ. Foram exibidos dois documentários: o clássico Além do Cidadão Kane e o pouco conhecido documentário feito pelo Comitê pela Democratização da Comunicação do Rio por ocasião dos 25 anos da Globo. Esse último foi feito com imagens roubadas por militantes de dentro da emissora e é muito interessante. (...)Enfim, foi bem legal.

Mensagem: 3

Data: Wed, 27 Apr 2005 17:10:37 -0300 (EST)

De: "Rafael"

Assunto: Re: Reunião quarta/amanhã?!!!

Respondammmmmmmmmmmmm

*Também senti falta da Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social nos 40 anos da Globo. Mas aí, Bruno, temos que ter cuidado com as críticas, pois isso ocorreu muito por falha nossa, dos estudantes e centros acadêmicos de comunicação. A Paulinha, única coordenadora regional do Rio, não tem como fazer tudo sozinha. Ela vem cumprindo seu papel buscando chamar reuniões, mas nós não temos conseguido aparecer. Isso é muito complicado. (...) E vale lembrar que só temos uma coordenadora regional e que uma andorinha só não faz verão. **Ela é uma pessoa que como nós, estuda, trabalha, participa do Centro Acadêmico e ainda da ENECOS.** O DACO-UFF está se organizando para pensar como trabalhar mais junto da ENECOS e como potencializar o movimento dos estudantes de comunicação do Rio e do Brasil. (...)*

Ah, estou mandando em anexo o material que preparamos para o aniversário da Globo aqui na UFF.

Um abração,

Rafa - UFF.

Na verdade, os estudantes mesmo se definindo como sobrecarregados pelo excesso de atividades não se imaginavam “apenas sendo alunos”, assistindo aulas e voltando para casa. Para eles, a universidade deve ser muito mais que isso, um lugar de articulação que permita “fugir da mediocridade”. Mas nem sempre, segundo eles, tal tarefa é possível. Como me relataram, o movimento estudantil na Estácio - Unidade Bispo - foi iniciado pelo Bruno e pelo Rafael que, como tinham vindo de instituições públicas (Pedro II, UFF e UERJ), sentiram necessidade de

abrir um centro acadêmico. Hoje dizem não querer mais investir energia para esse fim, pois não encontraram retorno, as pessoas não se interessam em participar.

Isso não quer dizer que estivessem pensando em limitar suas atividades às aulas, mas que passaram a considerar mais produtivo dedicar seu tempo para movimentos sociais. Bruno participa do jornal laboratório da UFF Fazendo-Media, além de fazer estágio na Sindipetro. Usa as listas de discussão virtuais da ENECOS – tanto a Regional Rio como a Democratização da Comunicação com frequência para divulgar atividades dos Comunicativistas e CMI¹⁹ (Centro de Mídia Independente).

8.1

Os temas circulantes na Regional Rio

Nas minhas observações verifiquei que os temas sobre os quais os estudantes da ENECOS mais se pronunciavam eram vastos e perpassavam eixos temáticos como “sociedade”, “educação” e “comunicação”. Pretendiam “gerar acúmulo” de discussão não apenas sobre a democratização da comunicação, como sobre a reforma universitária e propostas neoliberais.

Em um dos dias de um seminário promovido pelo centro acadêmico da UFF e realizado em um fim de semana, foram distribuídos folhetos, dentre eles um considerado por mim como especial: “*Veja o que está acontecendo no ICAS! Ajude a organizar alguma dessas atividades e sugira novas idéias!*” O folheto fotocopiado oferecia 35 atividades! Eram assuntos, desde os mais abrangentes (ida dos estudantes para o ENECOM; Olimpiacs; criação de jornal comunitário do Ingá; discussão de ecologia) quanto mais voltados para o curso na UFF (programação cultural; revitalização do campus aos sábados; avaliação do curso; rádio universitária, mural; organização de debates em conjunto com professores e da Semana de Comunicação – agendada para setembro)

O interessante era o desejo de engendrar “acúmulo de debate” em diferentes frentes: sobre leitura crítica da mídia, estágio, combate às opressões, Reforma Universitária, importância dos projetos de pesquisa e extensão, ANCINAV, Conselho Federal de Jornalismo, Obrigatoriedade do Diploma, Lei de

¹⁹ <http://www.midiaticata.org> e <http://www.midiaindependente.org>

Rádiodifusão Comunitária, além dos específicos sobre a Democratização da Comunicação: monopólio da mídia, controle social da mídia, renovação automática das concessões públicas de rádio e TV, meios de comunicação alternativos, etc. Sim, o panfleto termina com um etc! Eu já não tinha mais fôlego para tanto assunto. Não foi à toa que Gilka mostrou para a câmera o panfleto dizendo: “utopia, isso é utopia”, rindo muito. Perguntei o que ela estava querendo dizer com aquilo, ao que respondeu que seria utopia não no sentido de não acreditar na importância de se lutar por todos aqueles pontos, mas na possibilidade deles serem tratados todos num seminário de dois dias.

8.2 As reuniões

Na época da pesquisa, as reuniões da Regional Rio contavam em média com quatro a seis participantes, tendo de duas a três horas de duração. Depois de “socializado” os avisos e informes e distribuído jornais alternativos, a coordenadora iniciava a fala oferecendo uma “proposta de pauta”, sempre tendo o cuidado de perguntar se “está tudo bem”, se todos concordavam.

Se havia alunos novos, a apresentação era simpática, porém sem maiores dinâmicas para entrosamento. Pediam que a pessoa falasse o nome e o período e que “se sinta à vontade, qualquer coisa é só perguntar”. Sempre ficava esperando que tivesse um material básico de apresentação, um “kit aluno interessado”, mas não. Ao final pedia-se que esse aluno ou aluna colocasse o seu e-mail numa folha de papel para ser “adicionado à lista da regional” (lista de discussão virtual). Posteriormente eu tinha o cuidado de perguntar se essas pessoas que tinham assinado a lista passaram a receber as mensagens, mas me diziam que não. Fui descobrir mais tarde que essas pessoas não tinham sido incluídas na lista porque “a senha está com a moderadora e ela esqueceu de passar para a gente”. Detalhes desse tipo foram observados com frequência.

No período observado (de novembro de 2004 a julho de 2005) vi que apenas um texto foi lido e discutido em reunião da Regional Rio – sobre a qualidade de formação do comunicador social. Pareceu-me que as reuniões serviam mais para se “pensar os encontros” e dividir tarefas e não como instância formadora. Na verdade, além dos encontros promovidos pela ENECOS, eram as

listas de discussão virtual que cumpriam melhor esse papel, pois através delas era possível haver troca de textos, de notícias e reflexões sem os limites espaços-temporais. O contato com veículos de mídia alternativa também pareceu ser fundamental. Os estudantes, depois de conhecer a ENECOS, contavam que começaram a ler a Revista Caros Amigos, Revista Carta Capital, Jornal Brasil de Fato, Le Monde Diplomatique, além de entrarem em diversos sites como Observatório da Imprensa, Centro de Mídia Independente, Intervozes e Cris Brasil. A rede continuava com o programa televisivo Roda Viva, preferido dos estudantes em todo o país.

Os estudantes cariocas com os quais interagi tinham consciência que com o número enxuto de estudantes envolvidos não “iam ter pernas” para por em prática todas as instâncias que foram votadas no COBRECOS. Isso porque no congresso foram deliberadas as ações que deveriam ser assumidas pelas regionais durante o ano, que eram muito abrangentes justamente por abordarem os três eixos: *sociedade, comunicação e educação*. Para suprir essa lacuna, os mais envolvidos inscreviam-se em listas de discussão virtuais de algum Grupo de Estudo e Trabalho (GET) e ali, no mundo virtual, iam trocando informações, textos e se pronunciando sobre assuntos do cotidiano político relativo não apenas a comunicação, mas às opressões e lutas sociais. Um acompanhamento mais detalhado foi feito junto à lista do GET Democratização da Comunicação, sobre o qual falarei no capítulo seguinte. A lista virtual da Regional Rio também foi analisada e por lá os textos, notícias e avisos também são circulantes.

8.3 Os atrasos

No Espírito Santo, quando acompanhei o COBRECOS, ouvi um estudante de Goiânia pegar o microfone do auditório e dizer “o movimento estudantil não vai fazer a revolução porque vai chegar atrasado!” Eu estava apenas iniciando meu trabalho de campo e, assim, naquele momento não saberia dizer se o comentário procedia, mas acredito que agora posso afirmar que realmente nunca – e não digo nunca por força de expressão – cheguei a uma reunião que tivesse começado na hora combinada. Os atrasos variavam de trinta minutos a uma hora e meia, o que, se acrescentado ao tempo que eu já deixava reservado para observar,

me dava uma margem muito maior de demora, o que eu aproveitava para percorrer os murais, as salas de aula, as bibliotecas, enfim, o espaço físico.

Mas mesmo com toda a demora, os estudantes vinham e traziam papéis, avisos, cartazes, jornais. Anunciavam passeatas, ocupações de prédios públicos, marchas das mulheres, do MST²⁰ e atos pela democratização da comunicação. Como muitas dessas atividades trazidas pelos estudantes não vinha encampada pela ENECOS ou pela Regional Rio, sendo apenas anunciadas, deixei de observá-las. Vi que seria muito esforço para pouco retorno.

Cheguei a ir a um encontro paralelo na UFF (sobre a democratização da Comunicação), divulgado por um estudante da Estácio na lista da Regional Rio, mas vi que esse não seria o caminho, pois, nenhum estudante da Regional tinha ido, nem mesmo o que me convidou. Aliás, o que me convidou até chegou a ir, mas não conseguiu encontrar o lugar da reunião e já eu explico por quê: mudaram o local da reunião e colocaram um aviso escrito a mão na porta da diretoria dizendo que estariam na “primeiro lance de escada, porta a esquerda”. Vi que se alguém seguisse esse mapa, não encontraria. A indicação correta seria no “segundo lance de escada”. Esse descompromisso com a formalização da comunicação entre eles e para além deles chamou minha atenção em diferentes momentos.

8.4 Os murais

A começar pelos murais, tirando a Estácio e a UFF – que apresentavam uma série de cartazes e avisos sobre comunicação, movimento social, recortes de jornais alternativos e programações culturais, a UERJ, Pinheiro e PUC-Rio pouco utilizavam esse recurso para essas informações mais gerais, o que dirá de avisos sobre atividades da ENECOS. Apenas na Estácio encontrei divulgação nos murais sobre as reuniões que aconteceriam naquele campus, mas não uma apresentação formal da ENECOS, por exemplo. Até na UFF, que tinha como costume divulgar as atividades do centro acadêmico, não havia referência a ENECOS enquanto tal, enquanto Executiva que pode ser acessada através de página na internet, e-mail e telefones, além dos principais projetos que defende. Os estudantes disseram que

²⁰ MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra

costumavam “passar nas salas”, pois, acreditavam mais nesse “corpo a corpo”, mas o que vi foi é que essa estratégia não garantia uma representatividade entre os alunos de fora.

Com o costume de chegar com pelo menos uma hora de antecedência para assistir as reuniões, aproveitava parte do tempo para me aproximar de estudantes das diferentes universidades que observei, preferencialmente não ativos no movimento estudantil. Queria ouvir suas posições sobre a ENECOS, sobre o centro acadêmico e saber se estavam cientes da reunião marcada para aquele dia. Tentava ter acesso, assim, a política de divulgação das atividades feita pela ENECOS e o alcance dessa investida.

Muitos alunos não sabiam o que significa a ENECOS e isso me chamava atenção. Como a entidade pode ser considerada Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social se alunos não apenas não se sentem representados por ela e nem ao menos conhecem? Independente da universidade a que pertenciam, pública ou particular, dificilmente os alunos sabiam o que era a ENECOS, mesmo quando estudantes dos últimos períodos. Os centros acadêmicos pareciam ser razoavelmente conhecidos – um ou outro aluno até dizia saber da reunião – mas não mostram interesse em participar. A afirmação que davam era categórica e recorrente: “somos a-políticos”; “não gostamos de política”; “a gente não acredita mais em política, não acreditamos que seja possível mudar”.

Para tentar “mudar”, tentar “transformar”, os estudantes ligados a ENECOS costumavam dizer que “não tem pernas” para fazerem contatos com universidades que não tenham pelo menos um centro acadêmico, mas pelo o que observei, até mesmo em universidades que têm os cursos de comunicação filiados a ENECOS a divulgação não acontece de forma sistemática.

O que percebi também é que a falta de investimento em comunicação externa alimenta um ciclo vicioso. Sem material para apresentar nas “escolas” (termo que usam quando se referem a universidades e faculdades), não conseguem divulgar as atividades da ENECOS e nem fomentar a abertura de novos centros acadêmicos. O próprio *site* se encontrava na época desatualizado e com *links* que não abriam: as informações sobre o grupo iam, assim, ficando concentradas apenas entre eles. As atas das reuniões demoravam muito para serem colocadas na lista virtual – isso quando eram. Grande parte dos avisos com as datas das

reuniões também eram divulgados em cima da hora, o que acabava comprometendo o planejamento dos interessados em participar.

8.5 O ERECOM-Rio (Encontro Regional dos Estudantes de Comunicação Social)

A coordenação da Regional Rio faz da agenda de encontros da ENECOS sua linha-guia-temporal. Logo após o COBRECOS, sempre realizado em janeiro, a ENECOS sugere que seja organizado o Erecom – Encontro Regional dos Estudantes de Comunicação Social. Para que esse encontro saia do papel, pressupõe-se que haja um trabalho coletivo organizado, divisão de tarefas e contatos externos para promovê-lo. Quem irá conseguir patrocínio? Local para sua realização? Pensar nomes de palestrantes para as mesas? Escolher os temas a serem debatidos? As oficinas a serem oferecidas, as festas? Melhor fazer com alojamento ou sem? Fui percebendo que além de se revelar uma instância formativa ampla, a ENECOS oferecia aos seus militantes experiências contínuas em organização de eventos.

Para somar esforços na organização desses eventos, participantes da Regional Rio lançavam convites na lista de discussão da Regional Rio divulgando as reuniões, tentando interessar através do boca-a-boca virtual novos estudantes a contribuírem para a demanda de planejamentos.

Em todo o momento se fala em “se voltar para as bases, ir até as escolas”, e como isso seria feito? Primordialmente pelos “encontros”, como o Erecom e o ENECOM. Rafael, da UFF, chegou a organizar uma tabela com o nome de todas as “escolas” que tinham curso de Comunicação Social no Estado do Rio. Esse mapeamento serviria para tentar contato e uma proximidade de “escolas que ainda não tem movimento estudantil” e assim, convidá-las para participar do ERECOM-Rio (Encontro Regional dos Estudantes de Comunicação Social).

Embora a tabela tenha sido feita, a Regional Rio não conseguiu garantir que os cartazes chegassem até esses espaços a tempo, pois não havia quem levasse e os materiais ficaram prontos muito em cima da hora. A tentativa assim, não logrou êxito, pois no Erecom só compareceram 30 estudantes, sendo que grande parte já envolvida com o movimento estudantil – quando a previsão seria receber de 150 a 200 participantes. O planejamento inicial seria para que o Erecom fosse realizado

em maio, mas devido aos atrasos para sua organização e fechamento da data, o mesmo só aconteceu em julho – quando a maioria das universidades já estava de férias. As incertezas quanto à data e a posterga para sua realização efetiva contribuiu para que a divulgação fosse escassa, resultando num evento esvaziado.

Os dois universitários que estavam fazendo no Erecom o primeiro contato com a ENECOS vinham de Barra Mansa, mas fizeram questão de frisar no dia da avaliação do encontro que “a ENECOS não procura os estudantes. A gente ficou sabendo do Erecom porque um professor avisou”, reclamação idêntica a feita por Cíntia, da Pinheiro Guimarães – ela também só soube que existia a ENECOS porque um professor divulgou o Erecom do ano passado. Esse fato contribuiu para que Cíntia, estando à frente do centro acadêmico em sua faculdade, tivesse reservado a abertura da programação na Semana dos Calouros para que houvesse uma fala da ENECOS.

Eu estava lá, observando o auditório cheio, para acompanhar como essa apresentação formal da ENECOS aos alunos novos de uma faculdade privada seria feita. No panfleto, as falas de Rafael e Paula apareciam como a abertura da Semana, a primeira atividade de todas, seguida pelas boas-vindas dos professores e sessão de filmes. Entretanto, a apresentação da ENECOS não pode ser o abrelatas, porque Rafael chegou com duas horas de atraso, quando o auditório já estava esvaziado e os novos alunos assistiam filmes, com as luzes apagadas. Vincius e Cíntia interromperam a sessão para que a fala pudesse ser garantida antes que os estudantes restantes fossem embora. Rafael levou adesivos, falou sobre a ENECOS, sobre a reforma universitária e democratização da comunicação, subindo ao palco vestindo a camisa da ENECOS – outra prática comum. Como pode ser visto, a impontualidade continuou perpassando as diferentes dimensões da atuação da Regional no Rio de Janeiro.

8.6

ENECOM: o potencial chamariz para as Regionais

O carro-chefe de apresentação da ENECOS é o ENECOM – Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação, que acontece anualmente em diferentes cidades brasileiras, contando com uma média de 2.000 estudantes, geralmente em setembro. As Regionais de todo o país aproveitam esse momento para pensar

maneiras de atrair o maior número possível de estudantes para o movimento estudantil – e com a Regional Rio não foi diferente.

Pude observar que havia mesmo uma grande área em torno desse encontro, conhecido por atrair interessados no “turismo barato”, nas “oficinas lúdicas”, nas “místicas” e “minicursos”, pois esse encontro não tem o “caráter pesado e político” do COBRECOS, sendo permeado por mostras de vídeos, danças e zines. Lutar contra esse estereótipo tem sido tarefa árdua, mas persistente entre as diferentes C.Os (Comissões Organizadoras) desse evento, pois há o consenso que organizar um evento nacional de grande porte como o ENECOM só vale a pena se houver um retorno político, embora para grande parte dos estudantes o ENECOM simbolize o momento para se ter “lembranças boas da faculdade” e “conhecer o Brasil”.

Essas possibilidades são mesmo chamariz. Pude perceber que, se as reuniões oficiais da Regional Rio reuniam no máximo seis alunos, os encontros colocados como “pré-requisito” para viagem até o ENECOM 2005 – que aconteceu em Maceió - reuniu mais de 90 estudantes no auditório da UERJ e mais de 70 na UFF.

A estratégia de colocar uma reunião pré-ENECOM como pré-requisito para os interessados em viajar estava sendo reavaliada entre os estudantes do Rio de Janeiro por perceberem que muitos iam até as reuniões e encontros somente quando anunciados como pré-requisito para o ENECOM, assinando o nome na lista de chamada como forma de garantir uma vaga no ônibus e não aparecendo mais. Acompanhei uma discussão na UFF sobre qual “critério” deveria ser usado para selecionar as pessoas para a viagem. Percebi um conflito: não queriam amarrar a fôrceps as pessoas às reuniões, mas também consideravam injusto alimentar essa “falta de compromisso político”.

Uma aluna era bem firme no seu dizer: “tem que vir sim, tem que estar na reunião, tem que pensar junto o movimento estudantil”, enquanto outros ficavam na dúvida sobre a eficácia desse ato. Esse impasse eu pude presenciar no ENECOM, em setembro, quando o Coletivo da Universidade Federal de Alagoas, um dos organizadores do encontro, sugeriu que o ENECOM fosse substituído por “eventos de menor proporção, politizados e que agregasse pessoas com interesses políticos”. Encontrar um equilíbrio entre ser convite irrecusável sem deixar de priorizar questões de interesse público não tem sido tarefa simples para os estudantes quando pensam e planejam o ENECOM.